

**DO BOMBERO AO MERGUIADÔ:
A NOMEAÇÃO DAS FUNÇÕES
DOS TRABALHADORES NO GARIMPO DE DIAMANTES**

Gabriela Guimarães Jeronimo (UFG)

gabriela.ggj@gmail.com

Maria Helena de Paula (UFG)

mhpcat@gmail.com

1. Introdução

Primeiramente, gostaríamos de fazer uma breve apresentação do objeto de estudo que constitui o presente estudo: o vocabulário utilizado pelos garimpeiros no garimpo artesanal de diamantes no município de Três Ranchos (GO).

A escolha pelo município de Três Ranchos não diz respeito a uma hipótese de que o falar dos homens que ali garimpam seja distinto dos falares dos garimpeiros de outras cidades em que esta atividade também foi/é marcante. Seria deveras algo a ser pesquisado, no entanto, para um estudo nesta perspectiva, demandaríamos mais tempo e fôlego para sua realização.

Desta forma, a escolha pelo município supracitado foi motivada por três aspectos importantes:

- i) as suas peculiaridades com relação aos outros municípios, em que na construção de sua história possui quatro figuras importantes: as quebradeiras de coco, os ferroviários, os tropeiros e os garimpeiros;
- ii) a importância de se realizar uma pesquisa em nível lexical sobre vocabulário de garimpo diamantino;
- iii) as questões metodológicas, pois devido ao tempo que demandaria a pesquisa, foi necessária a realização de um recorte, em que focalizamos apenas neste município, o que não descarta a possibilidade de haver outra cidade com características semelhantes em sua constituição, apesar de que, em se tratando do sudeste goiano, não encontramos outros municípios em que, no imaginário dos seus moradores, a importância do garimpo esteja tão arraigada e atrelada à sua história e à memória dos falantes.

Desta feita, a partir da gravação de entrevistas com senhores que garimpam diamante no rio Paranaíba, especificamente nas margens que

circunscreviam Três Ranchos, tivemos conhecimento do vocabulário por eles utilizado na nomeação de todo o universo extralinguístico a eles restrito⁵², fazendo destes homens entendedores e guardadores não apenas da prática do garimpo em si, mas da memória e da importância que esta atividade teve na construção da identidade e da cultura dos cidadãos trirran-chenses.

Para discorrermos sobre a história do garimpo no Brasil, buscamos respaldo nas pesquisas de Luciano Rodrigues Costa (2007) e Sonilda Aparecida de Fátima Silva (2006) que fazem uma abordagem de toda a trajetória desta prática, desde o descobrimento do Brasil até a modernização com o surgimento de novas ferramentas e organização do trabalho.

Segundo os autores, a mineração no Brasil teve seu início no descobrimento, nos séculos XVI e XVII, com a grande procura e exploração das minas de ouro e diamante, o que futuramente, resultaria no esgotamento do primeiro. Mas foi a partir do século XVIII que a história do garimpo iniciou-se, quando os mineradores,

[...] desrespeitando a legislação da coroa portuguesa, mineravam as jazidas localizadas em pontos ermos do território, escondidas nas “grimpas” das serras. Neste sentido, a própria etimologia da palavra garimpeiro já denotava ilegalidade, marginalidade e repressão da força de trabalho (COSTA, 2007, p. 254).

Assim, percebemos que o nome da prática (garimpagem), como também o nome que é dado à função de quem a pratica (garimpeiro), carregam consigo parte da nossa história e cultura, que com o tempo, foram se modificando juntamente com elas, adquirindo outros significados.

A partir do século XX, a identidade deste trabalhador clandestino sofreu algumas modificações, agora, não mais colono de Portugal, passa a ser um nômade, “[...] indivíduos, que por sua conta e risco, enfrentavam os perigos dos sertões em busca de riqueza e sustento próprio [...]” (COSTA, 2007, p. 251), ou:

[...] pessoas que abandonam famílias e se deslocam para onde foi descoberto um novo garimpo. Lá trabalham, se ganharem dinheiro, logo buscam a família. Caso não encontrem o bamburro esperado, saem à procura de um novo garimpo (SILVA, 2006, p. 29).

⁵² Neste estudo, focaremos na nomeação das funções de cada trabalhador no garimpo.

Percebemos, então, que socialmente, os garimpeiros são vistos como aventureiros, “[...] homens corajosos, que nos abismos dos garimpos, vê a sua vida andar por um fio [...]” (SILVA, 2006, p. 30).

Atualmente, com o discurso que circula sobre a preservação ambiental, a identidade do garimpeiro passou por mais uma modificação, o de poluidor e destruidor do meio ambiente, “[...] agentes de poluição mercurial, destruidores de sociedades indígenas e várias outras formas de enfrentamento” (SILVA, 2006, p. 33).

Aires da Mata Machado Filho (1964), em sua obra *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, trata especificamente do garimpo de diamantes; mesmo que sua discussão não seja direcionada especialmente ao estado de Goiás e precisamente a Três Ranchos, o autor traz informações que nos são preciosas. Segundo ele, o diamante no Tijuco, futuramente, município de Diamantina, foi descoberto em 1729, sendo estabelecido pelo Governador da Capitania, na época, D. Lourenço de Almeida, o imposto da capitação, em que “Eram proibidas lojas e vendas nas lavras, e duas léguas em derredor delas nem se podia comprar diamante em mãos de escravos, sob pena de confisco de todos os bens” (MACHADO FILHO, 1964, p. 11).

No entanto, mesmo a fiscalização sendo rigorosa, não foi o suficiente para evitar que homens se aventurassem à mineração clandestina, pois “[...] As terras diamantinas, além de extensas, eram muito acidentadas e, em vários lugares, quase intransitáveis. E foi nesses pontos escusos que surgiram os primeiros garimpeiros” (MACHADO FILHO, 1964, p. 12).

Percebemos, assim, que esta afirmação de Machado Filho (1965) vai ao encontro do que Silva (2006) propõe: na época da colonização o garimpeiro era aquele cuja prática (a garimpagem) era ilegal, pois, de acordo com a fiscalização da época, de tudo que era extraído, boa parte deveria ser repassada obrigatoriamente para a Coroa, construindo assim, uma identidade cunhada na ilegalidade, fazendo do garimpeiro, naquele momento sócio-histórico e cultural, um fora da lei, um infrator que deveria ser severamente punido.

Neste ínterim, o garimpeiro se aliou ao quilombola, pois, de certa forma, ambos encontravam-se em condições semelhantes: o primeiro fugindo do fisco e o segundo do cativo, mas Machado Filho (1964) defende que mesmo estando nesta situação de ilegalidade, o garimpeiro ja-

mais deveria ser confundido ou comparado ao bandido, pois se tratavam, em sua maioria, de homens honestos.

Estas discussões nos auxiliaram nos momentos de investigação de campo ao entrarmos em contato com os senhores ex-garimpeiros, como também sustentam, aqui, nossas discussões sobre a prática do garimpo artesanal.

Deste modo, entendemos que a prática da garimpagem em Três Ranchos faz parte da história deste lugar, por muito tempo sendo uma das únicas formas de subsistência das pessoas que ali habitavam.

2. O vocabulário no garimpo: a nomeação das funções

Sabemos que todos os atos culturais precisam ser nomeados para materializarem-se em linguagem e serem passados adiante para as próximas gerações, da mesma maneira que todo o sistema semiótico não existiria, nesta forma que o conhecemos, se não existisse também a cultura e tudo que dela é imanente. Assim, se as práticas culturais são produzidas e compartilhadas pelo grupo tacitamente, não existe outra forma de materialização se não for através das formas de linguagem, já que a “[...] linguagem é tanto símbolo como veículo transmissor [...]” (GEERTZ, 1997, p. 170).

Assim, fazer um estudo linguístico que considera a cultura é uma tentativa de compreender a história do lugar a partir do vocabulário deste grupo de falantes, perseguindo a hipótese da comunidade de que a identidade cultural de Três Ranchos é grandemente marcada pela história da garimpagem.

No que se refere ao processo de nomeação no ambiente do garimpo, notamos que existe uma relação muito estreita com o referente, isto é, com o extralinguístico, o que explicita a necessidade do ser humano de apreender a realidade a sua volta dando nome às coisas, um nome dotado de significados e carregado de história.

Diante dos novos objetos e práticas a serem nomeadas, o garimpeiro, na maioria dos casos, recorre a palavras já existentes na língua, ressignificando-as, como no caso do substantivo *parasita*, que no garimpo se trata do homem que fica em uma canoa à parte sendo responsável para descarregar o cascalho que não tem serventia ou que não é diamantino. Temos, então, a utilização de palavras que já existem e fazem parte

do uso corrente da língua, mas que são reutilizadas através de significados diferentes, tornando-se específicas neste universo extralinguístico.

Estas considerações sobre a “reciclagem” de palavras já existentes na língua com o intuito de nomear referentes outros, na maioria das vezes por analogia, estão em concordância com a discussão que Silva (2000) propõe no artigo *O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia*, em que discorre sobre a mobilidade muito característica ao léxico, devido à capacidade que uma unidade lexical tem de se engendrar, inserir-se numa língua, desaparecer, reaparecer, ganhar novos significados, entrar em processo de arcaização e ser substituída por outra através da concorrência lexical.

O léxico, ao contrário da gramática, é flexível, isto acontece porque é por meio deste acervo que a língua acompanha as mudanças históricas e culturais da sociedade à qual ela serve e pela qual é servida, mesmo que estas modificações, na língua, não aconteçam simultaneamente às sociais, pois para que mudanças ocorram no nível da coletividade é preciso que elas sejam aceitas e compartilhadas pelo grupo repetidamente, até que aquele signo linguístico consiga se inserir na norma, porque como foi discutido, por mais que o sistema ofereça as possibilidades, para que uma palavra faça parte do uso corrente da língua, ela precisa estar de acordo e dentro dos padrões da norma imposta e partilhada pelo grupo.

Quando a autora levanta as questões a respeito da produção neológica, ela toca no assunto sobre o que Isquierdo (2001) chama de *ressemantização*, que em determinadas “[...] situações, confere-se uma acepção nova a uma palavra já conhecida, a qual [...] tem o seu campo significativo ampliado de sorte a ser empregada, com produtividade, em outros contextos situacionais” (SILVA, 2000, p. 143-144). Ou seja, na tentativa de se comunicar e dar nome ao que está em sua volta, muitas vezes o indivíduo busca na língua corrente os termos que melhor lhe servirão, ressignificando-os, o que apenas comprova a flexibilidade própria do léxico e as riquezas que ele carrega e acumula no decorrer da história.

No que se refere à nomeação das funções no garimpo, antes de tudo, é preciso compreender a lógica da *escala* que é organizada para a realização da extração do diamante no leito do rio (garimpo de escafandro). Segundo os entrevistados, é preciso necessário cerca de oito a dez homens, a depender da profundidade do local onde será feita a retirada das

pedras. Dentre eles, é escolhido um para ficar na função de *gerente*, sendo, geralmente, o mais experiente, porque:

[...] o gerente é pá oiá tudo, num dexá acontecê nada [...] suponhamo uma vez o cara tava assim mais divagá na bomba, toca mais depressa, toca mais dipressa, num pó pará não [...] ficava oiiano né, às vez tinha o manguerero também né pá num... num discuidá do bom´ da da manguera né [...] não, esse lá já era o manguerero né... o gerente ficava só ali só pá tá olhao né [...] é... vigiano l´em cima [...] (G4E1).

Além disto, é o gerente quem organiza a escala, delegando a cada um a posição em que ocupará em cima da balsa, ressaltando que, a princípio, todos são mergulhadores. Esta balsa é construída com duas canoas que são emparelhadas e, em cima, são fixadas tábuas para que possa ser colocada a máquina que fornecerá o ar para aquele que está no fundo do rio. Os responsáveis para tocar as manivelas da bomba são eram os *bombeiros*. Entre os bombeiros havia o *vice-parasita* que, além de tocar bomba, ajudava a jogar fora as pedras que não eram úteis, sendo que na próxima escala ele quem ficava na função de *parasita*.

Ao lado desta balsa, colocava-se mais duas canos, uma para depositar o cascalho diamantino e, a outra, para as pedras que não teriam utilidade alguma, o entulho, e o homem que faz o seu descarregamento é chamado de *parasita*.

Na outra canoa, ficavam o *canoeiro* e o *corre-dinheiro*, o primeiro, utilizando a peneira de nome *suruca*, deve limpar o cascalho que acaba de ser retirado do fundo do rio, para separá-lo do que for apenas entulho. O segundo aguardava o saco de cascalho chegar até a superfície e também “[...] ficava só no mei do sarilho pá atendê o sinal do mergulhadô [...]” (G2E1) e enviava sinais para informar sobre a qualidade do cascalho.

O oxigênio que era produzido pela bomba chegava até o garimpeiro que estava no fundo da água através de uma mangueira que ficava diretamente conectada ao capacete do escafandro. Caso acontecesse qualquer coisa que ameaçasse a sua vida ele deveria sinalizar por esta mangueira e, em cima da balsa, ficava o *manguereiro* segurando-a, sempre atento a qualquer movimentação. Por fim, temos o *mergulhador* que era o homem que estava trabalhando na extração do cascalho, deixando sua vida entregue à responsabilidade dos que ficam na superfície.

Quando o que estava mergulhando retornava para cima, acontecia um movimento que eles denominavam de *corrê a escala*, em que todos mudavam de função, como bem explica um dos entrevistados:

[...] Que aquele que sai do fundo, vai lá... o canoero mais o mergulhadô, pega canoa vai pô um... o produto dele, do mergulho lá no barranco. Aí volta os dois. Aquele que saiu do fund'água, primera coisa dele, era batê bomba, mais entre os três bombero, tem dois na frente dele, intão aqui ali, quando ele... ele... mergulhava os dois que tava na frente dele bateno bomba, aí ele já ia pra que? Já ia pra... pro parasita, o canoa de pedra {...} é... a hora que chegô a vez dele, dele saí da escala de bomba, primero ele ia pra parasita, canoa de pedra, depois ele ia pá cordinha, depois pá canoa de cascalho de novo e assim por diante, até corrê a roda [...] (G3E1).

Desta forma, o *mergulhadô* que saía do fundo iria para o final da escala, na função de *bombero*, e um dos bombeiros, no caso, o *vice-parasita*, iria para a canoa de entulho na posição de *parasita*. O *parasita* passava para a função de *canoero*, este se encarregaria, agora, dos afazeres do *corre-dinheiro* que, por sua vez, sairia da canoa de cascalho para tomar conta da mangueira, como *manguerero* que, finalmente, seria o próximo a mergulhar. A escala durava o tempo em que o mergulhador se encontrava no fundo ou até *matar a canoa*, que significava que a canoa já estava cheia e já não caberia mais nada.

Podemos notar, assim, que os nomes das funções que cada garimpeiro exercia possuem uma forte ligação com o referente, como o *bombeiro*, por ser aquele que movimenta as manivelas da bomba, em que percebemos que não existe uma ligação com a profissão de bombeiro, aquele responsável para apagar incêndios e prestar demais socorros. O *vice-parasita* que seria uma espécie de auxiliar do *parasita*, o *canoero* por ficar em cima da canoa limpando o cascalho, o *corre-dinheiro* por ser o primeiro a ter um contato direto com o cascalho que vem do fundo, podendo conter ali, diamantes, como também pelo movimento que ele faz ao puxar o saco de couro para a superfície, o *manguereiro* devido à sua função de responsabilidade em tomar conta da mangueira por onde o oxigênio é fornecido ao garimpeiro que está trabalhando.

Quanto ao *parasita*, temos um caso de ressemantização, pois o garimpeiro que fica nesta posição na ordem da escala é chamado assim por ser o responsável pela canoa que receberá o cascalho que não é diamantino. No entanto, a palavra *parasita* na léxico geral remete a um organismo que se alimenta à custa de outro. Percebe-se que, no ambiente do garimpo, trata-se do trabalhador que deverá se desfazer do entulho. Sobre o *mergulhador*, poderíamos dizer que teríamos aqui a ocorrência de polis-

semia, em que seria necessário apenas acrescentar ao verbete já dicionarizado esta definição, como rubrica do garimpo.

Esta relação com o referente no momento da nomeação geralmente é comum em se tratando de comunidades restritas e isto não seria diferente com o garimpo artesanal por se tratar de uma prática histórica realizada por homens, que a partir dos seus conhecimentos e do que a língua pode lhes oferecer, foram nomeando o seu trabalhar.

3. *Considerações finais*

Procuramos trazer neste estudo que, como já dito, se trata de um recorte de uma pesquisa maior, uma discussão que envolvesse história, língua e cultura, por acreditarmos que se trata de três aspectos importantes para uma comunidade, como também por estarem interligados de formas muito específica e unidos por linhas muito tênues.

Assim, pudemos explicitar um pouco da história de Três Ranchos, um município, como muitos outros, esquecido pela história dita oficial. Este estudo só se tornou possível através dos homens que ali garimpavam e de seus depoimentos sobre o seu modo de viver e trabalhar, em que focamos especialmente no vocabulário por eles utilizado no ambiente de trabalho, apresentando, aqui, as lexias utilizadas para nomear a função que cada um exercia no correr da escala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Luciano Rodrigues. Os garimpos clandestinos de ouro em Minas Gerais e no Brasil: tradição e mudança. *História e perspectivas*, Uberlândia, n. 37-37, p. 247-279, jan./dez. 2007.

FERREIRA, Manuela Barros. Língua e patrimônio: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*: Campo Grande: Edufms, 2008, p. 289-311.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Trad.: Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: _____. *As ciências do léxico: lexicologia lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Edufms, 2001, p. 91-100.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MARCONI, Marina de Andrade. *Garimpos e garimpeiros*. São Paulo: Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978.

SILVA, Maria Emília Barcellos da Silva. O dinamismo lexical: o dizer nosso e cada dia. In: AZEREDO, José Carlos de. *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 142-146.